

Lygia
Fagundes
Telles

Passaporte
para a China

Crônicas de Viagem

POSFÁCIO DE
Antonio Dimas

Copyright © 2011 by Lygia Fagundes Telles

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre detalhe de *Suculentas berinjelas*,
de Beatriz Milhazes, 1996, acrílica sobre tela,
190 x 245 cm. Coleção particular.
Reprodução de Fausto Fleury.

FOTOS

Acervo pessoal de Lygia Fagundes Telles

FOTO DA AUTORA

Adriana Vichi

PREPARAÇÃO

Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

REVISÃO

Luciana Baraldi

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Telles, Lygia Fagundes
Passaporte para a China: crônicas de Viagem / Lygia Fagundes
Telles; posfácio de Antonio Dimas. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1965-3

1. Crônicas brasileiras 2. Viagens — Narrativas pessoais 3.
Telles, Lygia Fagundes — Viagens I. Dimas, Antonio. II. Título

11-09605

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas de viagens : Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Nota da Autora 9

Passaporte para a China 11

SOBRE LYGIA FAGUNDES TELLES E ESTE LIVRO

Posfácio — *Felina China*, Antonio Dimas 79

A Autora 87

RIO DE JANEIRO, 24 DE SETEMBRO DE 1960

Diz o horóscopo que os do signo de Áries não devem de modo algum se arriscar no dia de hoje.

Sou do signo de Áries e daqui a pouco, em plena noite, devo embarcar num avião a jato para a China. Escalas? Dacar, Paris, Praga, Omsk, Irkutsk e finalmente Pequim. Quer dizer, atravessarei quatro continentes: América, África, Europa e Ásia. É continente demais, hein!

Melhor tomar antes um chope duplo ali no bar do Lucas, defronte ao mar de Copacabana, ficar ouvindo a voz espumeggiante das ondas e esquecer que passarei horas e horas naquela “coisa” que às vezes a gente ouve cortar o céu tão rapidamente e com um silvo tão desesperado que quando se olha para as nuvens não se vê mais nada. Nada. A “coisa” já sumiu nas asas do vento, ah! quisera eu ter agora asas assim como os pássaros e os anjos porque voar com asas alheias e ainda com o astral contra... É melhor repetir a frase do velho soldado antes de seguir para a guerra:

“Treme, carcaça, treme e mais tremerás ainda se souberes para onde vou te levar!”.

Cheguei ao aeroporto com a boca amarga, inútil pensar que o amargor vem do chope. Descansei a enorme sacola num banco, abotoei o casaco e fiquei olhando os meus sapatos de andarilha. *Viver é perigoso*, escreveu Guimarães Rosa. Suspirei, e voar!

A voz assim no éter avisou que teríamos que esperar mais duas horas e então fiquei pensando, as pessoas se dividem em dois grupos: as que têm medo e não escondem esse medo e as que têm medo e disfarçam. E de repente a voz da aeromoça faz estremecer a aparente paz do aeroporto, chegou a nossa vez. Seguimos em fila, silenciosos e fatais.

Na noite fria as mãos que ficaram acenando na despedida tentam afetar um entusiasmo que não existe: para trás fica a segurança da casa. A família. O travesseiro conhecido. O amigo. Pela frente, o imprevisto, o desconhecido e o mistério.

E porque amo o mistério, subo a escada e entro no avião que me parece um grande bicho solitário em meio à neblina, tão solitário quanto nós mesmos, os viajantes da noite.

Ao meu lado, Helena Silveira lança em redor o olhar aflito e aponta o vasto campo povoado de aviões. “Mas ainda assim há muita grandeza nisso tudo!”, exclama ela. Tenho vontade então de dizer que se o avião explodir no meio das estrelas a nossa morte também se revestirá de uma certa grandeza. Fico em silêncio e apenas sorrio enquanto procuro as nossas poltronas.

Fecho o cinto de segurança. Balas na boca para atenuar a pressão, algodão nos ouvidos. Mas nem todo algodão do mundo nos impedirá de ouvir o ronco do jato que precisa soprar mais fortemente na arrancada inicial, é agora um bicho palpitante, acendendo as narinas. Acendo as minhas. Pronto, num esforço maior ele decola e parece subir numa linha vertical, o silvo mais agudo. “Mas isto não é avião, é foguete!”, resmunga alguém no banco dianteiro. Recorro aos meus santos bem-amados, Valei-me meu San-

to Antonio, meu São Francisco!... Fecho os olhos e penso em Sertãozinho e no carro de boi da minha meninice, ah! sei que se inaugurou uma nova era e que é maravilhoso viver numa era assim fabulosa, o homem solto num mundo sem porteiras! Mas neste instante eu gostaria de voltar ao gemente carro de boi e cochilar ao sol e ouvir aquele doce e lento ranger das rodas de um mundo sem pressa, nhem-nhem, nhem-nhem...

A aeromoça vem perguntar com um sorriso convencional se desejo alguma coisa. Através do vidro da janela vejo o negrume cortado por relâmpagos com as nuvens em desabalada carreira no sopro da tempestade. Volto para a moça o olhar sem esperança, ela ainda pergunta o que eu quero? Descer, minha senhora, gostaria simplesmente de descer!

Peço um copo de vinho. E quando olho novamente para fora vejo um céu iluminado, palpitante de estrelas. Voamos agora sobre as nuvens e a dez mil metros de altura, a tempestade se desencadeia aos nossos pés, mas estamos muito acima das tempestades. Helena Silveira já tomou suas pílulas e agora dorme tranquilamente. Tomo meu vinho e ainda assim me sinto uma pobre coisa por entre a imensidão e rolando pela eternidade.

DACAR, 25 DE SETEMBRO DE 1960

Exatamente seis horas após o embarque, por entre uma nesga de nuvem, avistamos lá embaixo Dacar, costa da África. O avião perde altura. A aeromoça pede que se aperte o cinto, ficou convencionado que em caso de acidente será melhor morrer amarrado do que solto. Como se já não tivéssemos as nossas amarras em vida...

Eis que a alma ainda lá estava acima das nuvens quando o corpo já estremecia sobre as rodas da aterrissagem, se me perguntarem agora qual a prova mais evidente da existência da alma, responderei prontamente: voe a jato! É na

aterrissagem de um avião a jato que se pode então sentir (e com que precisão!) a presença de ambos, corpo e alma. Com a total perplexidade da alma — que não sofre a ação da gravidade — ao deslocar-se do corpo que desce na linha quase vertical.

Uma velha inglesa perdeu os óculos debaixo do banco. E enquanto ajudo a procurá-los ela me pergunta para onde estou indo. Para a China, respondo. Ela achou os óculos. Descemos agora a escada do avião e que lembra a própria escada de Jacó ligando a terra ao céu. “Você então é comunista?”, ela perguntou e tive vontade de rir porque essa mesma pergunta me fez o jornalista Samuel Wainer lá em São Paulo. Eu ia apressada pela rua Marconi quando ele me fez parar, “Aonde vai com tanta pressa?”. Vou tirar meu passaporte para a China! respondi. Ele ficou me olhando meio perplexo, “Mas você é comunista?”. Achei melhor rir, Não, não sou comunista, sou assim subversiva mas não comunista, nem eu nem os meus companheiros de viagem, é uma delegação de escritores convidados para as festas de outubro, desconfio que foi o Jorge Amado que indicou os nomes e daí lá vai a delegação e eu no meio... Samuel Wainer me tomou pelo braço “Vamos tomar ali um café”, convidou. E me fez a proposta, que tal se eu escrevesse crônicas sobre a China e que ele publicaria no jornal *Última Hora*, hein?! Combinaria a melhor forma das crônicas chegarem ao jornal que ele dirigia. E então?! Não era uma boa ideia? A crônica poderia ter este título, *Passaporte para a China*.

E agora, Dacar. Lá vou eu com a máquina fotográfica pendurada no pescoço e a cara assim do turista que sai do avião com o mesmo ar aparvalhado de um frango meio zonzo saindo do jacá.

Tomo o café da manhã no bar do aeroporto. Na mesa estão alguns dos meus companheiros de viagem, a delegação dos intelectuais convidados pelo governo chinês: o escritor

Peregrino Júnior, da Academia Brasileira de Letras (ABL) e presidente da União Brasileira de Escritores (UBE). Raymundo de Magalhães Júnior, também da ABL. Helena Silveira, contista e jornalista, o escritor Adão Pereira Nunes, a atriz Maria Della Costa, o empresário Sandro Polônio e esta contadora de histórias.

O café — com um remotíssimo sabor de café — é servido pelos nativos, negros muito altos e esguios, o fez na cabeça e os camisolões brancos que lhes chegam até os pés. Calçam sandálias, gesticulam muito e falam um francês estranho, quase incompreensível.

Creio que os negros de Dacar são os mais belos que já vi: o negrume é puro, sem mistura e tão elegantes nos seus trajes típicos! As mulheres usam longos vestidos de cores vivas, as saias rodadas. Trazem muitas vezes os seios descobertos e colares e enfeites vistosos nos braços e na cabeleira caprichosamente trançada. Algumas usam túnicas entremeadas de fios dourados.

Gostaria de rever o mercado de Dacar e onde se vende tudo em meio a cheiros violentos, gostaria, sim, de rever as agitadas ruas com seus vendedores oferecendo espalhafatosamente aos turistas os pentes de marfim, as máscaras esculpidas na madeira, almofadões de couro, panos, bolsas... Rever a loura europeia passando com seu bebê rosado e rever a nativa com seu menino fortemente amarrado às costas, muito ereta e luzidia, arrastando a túnica colorida com a nobreza que nos faz pensar em rainhas negras de um antigo reino extinto.

A voz anuncia em francês o retorno ao avião. Sigo pelo aeroporto no passo do constrangimento, ah! seria bom ficar mais tempo em Dacar mas é preciso prosseguir e ser amável com o comissário de bordo, um jovem sorridente que nos deseja uma boa viagem! Abro um sorriso amarelo e penso no poema de Carlos Drummond de Andrade, *Canta-*

remos o medo da morte e o medo de depois da morte,/ depois morreremos de medo/ e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

Apagar os cigarros. Amarrar os cintos. Alguns passageiros parecem tranquilos como se estivessem nas respectivas cadeiras de balanço. Outros, como o gigante Atlas que sustentava o mundo nos ombros, estão tensos porque sustentam nos ombros o avião.

Olho à minha direita e dou com a velha inglesa que me examina com a expressão meio intrigada, Pois é, minha senhora, agora não sou de nenhum partido, agora eu sou de Deus.

PARIS, 25 DE SETEMBRO DE 1960

Mais de seis horas a dez mil metros de altura e eis Paris lá embaixo coberta por uma névoa branda. Doze horas do nosso Galeão ao aeroporto de Orly, doze horas de voo no jato que funga e assobia como um louco varrido nessas arrancadas que parecem visar à Lua. O espaço está mesmo vencido pelo homem, resta o tempo mas o tempo já não parece ter a mesma importância para a aeromoça que vai lá na frente do avião e com a graça irresponsável de uma criança adianta os ponteiros. Resta-nos adiantar também os nossos relógios, acertar o relógio com o do jato *Para vivermos em horas sempre iguais*, como diz a valsa que Francisco Alves cantava.

Nossos avós levavam dias e dias nas longas viagens em fagueiros vapores, os carros de boi marítimos conduzindo fazendeiros para “torrar” com as francesas o dinheiro dos cafezais. Era moda chamar Paris de Cidade-Luz, usar uma grossa corrente de ouro no colete — sinal de equilíbrio econômico — e ter uma amante francesa, “teúda e manteúda” como diz o Código do Império. Italiana não servia. Nem espanhola. Tinha que ser uma francesa. Lembro que

muitas vezes durante a noite, ao invés de ir dormir, eu me escondia debaixo da mesa da sala para ficar ouvindo a conversa dos adultos, conversas tão ousadas que fico pensando que não existiram ou que vagamente faziam parte de um sonho.

Tinha a história de um belo tio-avô que quando jovem foi estudar pintura em Paris. Comprou um casaco de veludo preto, uma boina, deixou crescer a barba e mergulhou numa vida de tanta boemia que, três anos depois, acabou morrendo tuberculoso. Pintou um quadro. Havia ainda outro tio-avô — esse mais robusto — que bebia champanhe no sapatinho das vedetas, aqueles sapatinhos de cetim. Empobreceu e quando chegou a hora de voltar para o Brasil estava tão acabrunhado que preferiu afogar-se no Sena, tentativa de permanecer na cidade embora num leito do rio. E ele foi enterrado aqui? perguntei. Nesse instante, de forma brusca demais para o meu gosto, fui arrancada de debaixo da mesa e transportada para o quarto.

Histórias, histórias... Hoje não existe mais aquela farta adjetivação, Paris é Paris, o champanhe é bebido nas taças, os nossos suicidas preferem os rios nacionais e não é nenhuma vantagem contar as aventuras vividas com uma vedeta do Lido. “Tudo perdeu o antigo encanto”, lamentou outro dia um sobrevivente daquele tempo.

Pois ali estávamos atravessando Paris de ônibus, rumo ao hotel onde ficaremos apenas uma noite. O contato com a cidade não poderia ser mais superficial mas foi o suficiente para sentir que o encanto permanece, renovou-se apenas, os velhos é que passaram mas a cidade é eterna.

Outono e a folhagem das árvores com um tom de ouro antigo. Um frio suave corre na brisa. Acendem-se as primeiras luzes. Vou lendo nas tabuletas os nomes das praças, das ruas e muitas são minhas conhecidas pois por elas passaram tantas personagens de livros que li desde a adolescência. A emoção me entenece, inútil pensar na literatura porque mais bela que a palavra escrita é aquele

chafariz no meio da praça. E a dignidade dos prédios que sabem que não vão ser demolidos porque foram feitos para permanecer, Não, não é como no Brasil onde prédios de dez anos são considerados velharias, Depressa! é preciso demolir para reconstruir que para isso foram feitas as picaretas. Tínhamos algumas belas construções, mas somos agitados demais para pensarmos em tradição. Parece que Ouro Preto está resistindo às investidas e que Deus a conserve assim, com suas ingênuas casas pintadas de rosa e azul e suas românticas igrejas com os anjinhos voejando em torno de imagens com a marca do Aleijadinho. E por falar em anjo eu lembro agora que foi o escritor cubano Lezama Lima que tão bem definiu o estilo barroco: *O barroco tem um anjo a mais.*

Paris completou dois mil anos mas não pensa em fazer plástica. Espero que daqui a dois mil anos cessem também para nós as tais reformas indispensáveis e se estabilize a fisionomia da cidade. Assim seja!

Em meio ao crepúsculo arroxeadado, como que suspenso no ar vejo lá longe o Arco do Triunfo. Avidamente vou colhendo as imagens antes da noite. Guardo aquela esquina com a velha vendedora de flores oferecendo um ramo de violetas ao casal de namorados, ele de barbicha e pulôver, ela de cabelos muito curtos, saia muito curta e livros debaixo do braço. Antes do ônibus fazer a curva pude ver que eles se beijam, assim com essa simplicidade de quem sabe que pode beijar e ninguém se importa. Guardo o perfil de uma enorme árvore e guardo o perfil de uma estátua — músico ou escritor? — que tem a vasta cabeleira ao vento e a mão estendida e aberta. Não pude ver o nome gravado na pedra mas vi pousada na palma da mão de mármore uma folha que o vento ali deixou.